

Paticumbum em Alto Paraíso

Carnavalescos da Beija-Flor de Nilópolis visitam a cidade mais esotérica do país à procura de histórias para samba-enredo

Rovênia Amorim
Enviada Especial

Um dia antes das duas Tótyas levantarem poeira pelas estradas de terra ao redor de Alto Paraíso, a dona da pensão Arco-Íris, onde os seis carnavalescos estavam hospedados, quis saber: “Mas isso daqui dá samba?” Eles acham que sim e, por isso, passaram dois dias na cidadezinha de 5 mil habitantes, a 230 quilômetros de Brasília, procurando história e personagens para compor o samba-enredo da Beija-Flor de Nilópolis, no carnaval de 2001.

A visita à cidade mística e cercada por exuberante natureza não quer dizer que Alto Paraíso é o tema escolhido. Antes de decidir, a comitiva de carnavalescos desembarca em São Luís, Maranhão. Lá, eles vão investigar a história de escravos e seus personagens lendários. “É um forte concorrente”, diz Cid Carvalho, 30 anos, um dos figurinistas da escola de samba. Depois disso, a comitiva decide qual das histórias será contada na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro.

Hoje, bem cedo, antes do sol despontar, os carnavalescos estarão deixando Alto Paraíso. Segundo eles mesmos, levando boa impressão do lugar de gente maluca, que acredita em disco voador e numa civilização misteriosa que mora dentro do nosso planeta. “São maluquices que a gente pode transformar em

carros alegóricos”, entusiasma-se Ubiratan Silva, ‘Bira’, 24 anos, o mais novo do grupo.

Mas há, em Alto Paraíso, quem não goste nada dessa história de mostrar na avenida as maluquices dos esotéricos. “Não existe essa coisa de disco voador aqui. É tudo *mistificar*”, irrita-se o despojado historiador Luiz da Cunha Lima, 50 anos, que na cidade todo mundo conhece por Lula. Nos dois dias que a turma passou em Alto Paraíso, ele foi guia, contou e recontou as histórias do ouro e do quilombo Kalunga, da passagem da Coluna Prestes e das plantações de trigo.

“Não falem dessa coisa de disco voador, não”, pede mais de uma vez, o homem de cabelos grisalhos, pés rachados e chinelos havaianas. Enquanto dirigia a Toyota pelas estradas poeirentas, falava da beleza das montanhas da Chapada dos Veadeiros, catava os tocos de cigarro que turistas jogam nas pedras do lugar conhecido como Vale da Lua. “Se vocês falarem em disco voador no samba-enredo, eu nem ligo a tevê. Falem da natureza”, insiste o historiador.

Se Alto Paraíso for mesmo a escolha dos carnavalescos, Lula vai ter de ser render ao óbvio. É

praticamente impossível que não mostrem no desfile o misticismo de Alto Paraíso — a cidade que dizem ter sido construída sobre uma enorme jazida de cristais, que atrai esotéricos de todo o Brasil e exhibe construções de formas arredondadas, muitas com vértices imitando pequenas pirâmides feitas para “captar as energias do céu” do lugar.

O historiador tem lá suas razões. Alto Paraíso é muito mais do que uma cidade de malucos-beleza. A história do lugar, que não está nos livros de história, é rica e ganha encanto quanto contada pelos nativos. “Queremos ouvir as histórias do povo”,

explica o estudante Fernando Mello, 22 anos. O aluno do 3º período do curso de Engenharia de Produção, da Universidade Católica de Goiás, em Goiânia, não é carnavalesco, mas acompanhou toda a peregrinação da comitiva.

Foi ele quem mandou a sugestão para a Beija-Flor de transformar Alto Paraíso em música de carnaval. “Quando li sobre a história do lugar, vi que dava para fazer o samba-enredo da vitória”, entusiasma-se. Se der certo, não será a primeira vez que o jovem tímido vai emplacar uma história no sambódromo. Em 1997, foi dele a ideia do tema do carnaval — Beija-Flor é festa na Sapucaí — e de seis dos nove carros alegóricos. Agora, ele torce pela história de Alto Paraíso.

“SE VOCÊS FALAREM
DE DISCO VOADOR NO
SAMBA-ENREDO, EU
NEM LIGO A TEVÊ”

Luiz da Cunha Lima
historiador



Os seis carnavalescos ouviram histórias das plantações de trigo, do quilombo, e visitaram o Vale da Lua